

Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estúpido ou ridículo?

Alexandre Herculano

ANO V — N.º 99
JANEIRO
5
1957

A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

Feliz Ano Novo!

EMBOA seja frase feita e formula protocolar em todas as bocas, no dia de hoje, essas três palavras exprimem um desejo sincero, traduzem um voto sentido de «A Voz de Loulé» a todos os seus leitores, a todos os seus assinantes e, sobre tudo, a todos os que, com a sua pena, a sua simpatia e com a sua boa vontade, colaboram na empresa a que metemos ombros há 4 anos e um mês.

Desejar aos seus amigos, no dia em que, convencionalmente, se inicia a nova série dos 365 dias de um novo ano, um futuro feliz e a continuação aumentada—ou o início—de prosperidades espirituais e materiais, é tradição cuja origem se perde na bruma dos tempos.

Segui-la não é, para nós, simples acto de adesão, mas imperativo consciente do nosso coração e, como já vai sendo nosso hábito, visamos du-



ma maneira especial os nossos amigos que se encontram longe da Pátria, impelidos pelo espírito de aventura cujo objectivo de, em terras estranhas, procurarem, para si e para os seus, a prosperidade que na sua terra julgaram não poder achar.

Que para todos sob cujos olhos estas linhas venham a passar, o ano de 1957 lhes carrete generosamente, pródigamente, as felicidades, o bem estar e a paz com que sonhem e que desejem. São os votos do nosso jornal, que é deles e para eles.

FELIZ ANO NOVO!

O nosso Semanário

VAMOS então aparecer de 8 em 8 dias?

De toda a parte nos chegam incitamentos, felicitações, demonstrações de boa vontade e palavras de entusiasmo, pela novidade que demos, de que, a partir do dia 1.º de Janeiro, passaria a ser semanal, a publicação de «A Voz de Loulé».

De facto o nível de assinantes que atingimos e o interesse que nos tem sido dispensado, por todo o concelho e pelas longínquas colónias de louletanos que pela Metropole, Ultramar e estrangeiro migram, impunham-nos essa liberação.

E grande o acréscimo do trabalho, de encargos, de dores de cabeça, que esse facto nos acarreta.

Representa sensivelmente o (Continuação na 6.ª página)

O Monumento ao Infante D. Henrique

Pelo Eng. J. M. Farrajola Cavaco

N. R. — Porque, salvo sobre certos conceitos do homem e da vida (não discutimos Deus, nem Pátria, nem Família) não fechamos as portas do nosso jornal a opiniões divergentes das nossas, temos prazer em publicar o artigo que segue, do nosso colaborador Eng. Farrajola Cavaco, mas não podemos deixar de anotar a nossa discordância relativamente a alguns pontos.

A vida não pode traduzir-se unicamente no que representa valor económico ou vantagem meramente utilitária. Há ideias, aspirações e factos que, não convertíveis em escudos, não são passíveis de substitutos.

No caso tratado parece-nos que o Algarve merecia as duas coisas: monumento e aérodromo.

E certo que não devemos chorar como as crianças a quem tiram um brinquedo, mas também não nos devemos satisfazer, como elas, quando, para esquecer o brinquedo, se lhes oferece uma guloseima, mormente quando uma e outra coisa lhes sejam devidas.

E' abrir mau precedente...

ESTE jornal publicou no número anterior um artigo sobre a não construção do Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres.

Não sabe o articulista—nem tampouco nós—quais as determinantes que assistiram à resolução do Conselho de Ministros, e, para o que se vai seguir creio que nada mais interessa considerar que o acerto da decisão governamental, certamente fundamentada em causas justificadas e pertinentes, visto que uma determinação de tal responsabilidade não foi tomada de ânimo leve, partindo-se da evidente hipótese que o Governo informaria ou não a Nação consoante julgar oportuno, dentro dos interesses mais altos da comunidade.

Carece portanto de qualquer coerência ou interesse inventarem-se hipóteses mais ou menos fantasistas sobre a questão, e mais ilógica se torna a discussão daquelas.

Permitimo-nos portanto passar adiante, e encarar a questão nos seus aspectos positivos e reais, e dentro dum princípio verdadeiramente construtivo.

Queixa-se o Algarve de que, pelo facto de se não construir o projectado monumento, irá perder as perspectivas de um afluxo turístico de visitantes que certa e propositadamente se deslocariam a Sagres para admirarem obra de tal magnitude.

De acordo, mas tal argumento não se nos figura suficientemente legítimo para que em face dele se possa criticar a solução tomada. E, numa região que não resolveu por hora o seu problema hoteleiro de alojamento de visitantes, não vemos grandes perspectivas em se chamarem turistas não havendo onde os alojar, visto que nas épocas em que justamente será de considerar maior afluência, as instalações existentes tradicionais festas.

Ainda não foram constituídas as diferentes comissões, mas já se trabalha no sentido de, não só se manter mas até elevar o nível do nosso Carnaval, com iniciativas que justifiquem a fama que de há muito vem disfrutando.

Assim, já foram encetadas negociações para a vinda de um rancho folclórico de sevilhanas e da orquestra de Alandroal, que no ano transacto obteve grande sucesso no baile promovido pela Comissão das Festas.

Além de muitas outras decisões, está também assente utilizar já este ano o antigo convento de Santo António para recolha de carros e material, para o que vão ter iniciadas importantes obras de beneficiação.

O Dr. Joaquim R. Duarte é o novo Comissário Adjunto da Mocidade Portuguesa

No dia 26 de Dezembro findo e no Palácio da Independência, foi conferida posse ao novo Comissário Adjunto da Mocidade Portuguesa Dr. Joaquim Romão Duarte, que foi durante alguns anos, Delegado Distrital no Algarve daquela patriótica organização.

A posse foi conferida pelo Subsecretário do Estado da Educação Nacional Dr. Baltazar Rebelo de Sousa e proferiram-se discursos de alta elevação patriótica e afirmativos do novo espírito que se pretende dar aos problemas da Juventude de forma a torná-la um sólido baluarte da consciência nacional e da civilização cristã, tão ameaçada nos nossos dias.

O Dr. Romão Duarte exerceu no Algarve os cargos de professor do Liceu de Faro e de Reitor do Liceu de Portimão, tendo depois passado pelas Reitorias dos Liceus da Guarda e de Gil Vicente de Lisboa.

Daqui felicitamos o novo empregado, a quem nos ligam laços amigos, desejando-lhe que a sua acção seja, o que sempre tem sido: de verdadeiro apóstolo, consagrado à causa do fortalecimento do espírito heróico da Mocidade Portuguesa, e que, nessa cruzada, marque, mais uma vez, posição destacada.

A Imprensa Regionalista e a sua «associação» recentemente criada

A «Imprensa Regionalista» — sempre ao serviço da Nação, acaba de se constituir em Associação Cooperativa.

Depois de esta Pequena, como lhe chamam, mas Grande Imprensa, ter sido excluída do Sindicato Nacional da Imprensa, hoje, mais do que ontem, se reconhece a necessidade da sua integração em ambiente legal para, mais seguramente poder caminhar, como até aqui, ao serviço da Gra.

Foi criada a «Associação da Imprensa Regional e Técnica», é o grito que ecoa por grande número de periódicos desta «Grande Imprensa» — modestas folhas que se publicam por esse País fora.

Contam-se por algumas centenas, os aderentes a este simpático movimento de solidariedade associativa — pois o contrário seria a própria negação da sua existência e da sua vitalidade, quando era reconhecida por todos, ser uma necessidade o facto que agora se deu — recebendo os seus membros directivos as mais inequivocáveis provas de apoio e de concordâ-

(Continuação na 5.ª página)

cia, não isentos daquele entusiasmo transbordante e justificativo.

O seu campo de ação como rezam os seus Estatutos é vasto e grandioso! Dum valor bem significativo, que influiria bastante na educação e formação da nossa gente que nela colabora; difundindo princípios, conhecendo as Leis; na instrução e no progresso dos povos; numa palavra: Humana em todas as suas actividades. Mas dum Humanismo aceitável e justo.

Todos os que a ela aderiram, dando o seu contributo material e moral, vão receber regalias e ter direitos.

Depois de tão inestimáveis serviços prestados à Gra e ao Bem Comum, não podia ficar eternamente esquecida da tudo e de todos.

Está dado o primeiro passo para a concretização duma ideia que de há muito ansiavamamente era aguardada.

Como um dos seus mais modestos pioneiros da sua criação, sinto-me inteiramente à vontade para poder afir-

ma. Multiplicam-se assim os (Continuação na 6.ª página)

Proponho-me demonstrar — aliás não é difícil a demonstração — que essa afirmação é absurda porque é, ela própria, uma contradição nos termos.

Lembramos a todos os nossos assinantes que desejem pagar as suas assinaturas anualmente, a conveniência de nos avisarem, evitando assim que façamos a cobrança de 3 em 3 meses.

Vem aí o



ANO I
N.º 6
1 JANEIRO
1957



«O génio pode ser génio cem vezes, que não substituirá os factos onde os factos são necessários e não o génio».

DIMNET

No limiar dum novo ano

Ao extinguir-se a chama sibilina e bruxuleante, que veio pôr cobro a mais um ano, nesta constante e evolutiva rotação que é a vida, somos impelidos intuitivamente a volver o olhar sobre o caminho percorrido, contemplando no sabor duma recordação, imagens, que já não são activismos, mas cenas dum passado.

Relativamente ao tempo e ao espaço, tal facto, não passa duma deslocação, brusca e involuntária talvez, fruto da mutação do onde estávamos integrados, num conjunto de forças vivas, e que hoje faz parte do nosso próprio eu, como ditador de leis e regulador de acções, compiladas nesse incomparável código que é a experiência. E, porque assim é, a grande lição que pudemos e devemos extraír deste nosso concentrado contemplativismo, deverá ser uma lição para o futuro — para um futuro cheio de interrogações e mistérios, mas na verdade também subjectivamente cheio de esperanças.

Será a altura plena, o zénite próprio, para trazermos à clara tona da razão e da consciência mil factos e acções, numa associação lógica e bipartida de objecto e de sujeito, na análise directa da nossa posição perante Deus e os Homens.

E depois, não deixemos o tempo correr novos caminhos, não fiquemos piedosamente embevecidos na miragem dum porvir, saboreando o odor de algo feito, mas lancemos-nos a fazer mais e melhor, levando a cada homem um abraço tão e fraterno, confiante nessa realidade bem cristã do homem irmão do homem, numa conjugação mútua de fraternidade e consciência, idealismo e acção.

João F. Manjua Leal

Livros e Autores

Recantos Farenses

De A. Vicente Campinas

O Poeta e escritor algarvio A. Vicente Campinas acaba de publicar «Recantos Farenses». Desta autor apenas conhecemos um livro de poesia «A Ilha dos Sonhos Malditos!», que aliás nos tinha deixado uma impressão bastante agradável. Melhor, a impressão de que o Algarve continuava a ser a terra onde a simplicidade e a poesia se conjugam numa coexistência inacessível, aceitabilíssima portanto. Precisamente porque o Algarve é simples, e a sua verdade corresponde à verdade dos seus poetas.

Recantos Farenses é uma obra digna do nome que o seu autor já alcançou, não só em Portugal como no estrangeiro, especialmente na América do Sul, onde a sua obra é muito apreciada. Ao contrário do que pode parecer ao leitor desprevenido, não se trata de um livro que fala de Faro, uma cidade como tantas outras, e só de Faro. Não. «Recantos Farenses» é, na nossa opinião, um hino à vida, essa vida que, aqui como ali, acolá como em toda a parte, é um «ai que mal soa» uma «sombra que foge» uma «nuvem que voa» o «dia de hoje» a «folha que cai», mas que apesar de tudo, existe para Ser aceite de boa vontade e como tal louvada, criticada, cantada, sonhada, desejada melhor...

Vicente Campinas é o Poeta-totalmente-Homem, que se mete no mundo para o cantar, para o escutar, para lhe desvendar os segredos. E neste modo, ele aparece-nos no mercado de bloco e lápis na mão a transcrever a vida para o papel, servindo-se das vozes que se cruzam no ar como a expressão exacta de mil anseios e desenganos, desejos e receios, sonhos e realidades. São os diálogos na estação de Caminho de Ferro à partida de um grupo de jovens para o Canadá; as professoras que trocam impressões sobre os métodos de ensino usados; os pescadores sobre as agruras da sua profissão, dificuldades que eles amam porque fazem parte das suas vidas. Que magnífico poder de diálogo!

«Passam combóios, e eu não sigo! Fico preso a tanta beleza. Esqueço tudo...»

E' o poeta amante da Natureza, o Pintor espiritual que a desenha morosamente num desejo de a oferecer a todos, a todos! — Assim valia a pena ser pintor! Sim, porque motivos não faltariam. Mas o Poeta é também Pintor, quando é realmente Poeta. Provámos os magníficos trechos em que A. V. C. nos fala dos poemas farenses: «Gigantes temerosos retratam-se no céu, como que tentando assustar as crianças que no fundo de cada um de nós adormecem em pequeninos...»; da ria onde o combóio se espelha roubando-nos os olhos com a irreabilidade da sua poesia; da cidade que, do Alto de Santo António, parece uma aldeia de casinhas de papelão; do mar...

«Para o mar, gigantes da distância! Para o mar, cansados olhos! Que o mar é terra e berço de algarvios! Agora e sempre, agora como dantes, o mar embrulha, em humectantes folhos, a terra nossa nos seus braços frios!»

A. Vicente Campinas é ainda o Poeta que se debruça sobre os que nada são, ou pouco mais que nada são. E' o garoto de nove anos que vende jogo, debaixo de chuva, quando devia estar na escola; são os pobres pescadores que passam o inverno na ilha, em miseráveis barracas de colmo; é a criança que tem sede e alcança o repuxo, onde a água jorra abundante e convidativa...

Não são só as imagens belas que cativam o autor de «Recantos Farenses». E' tudo, tudo o que é vida, realidade, evidência... E então que o Poeta (embora o livro seja composto por prosa e verso, é o Poeta que se adivinha em todas as suas páginas, o Poeta-Homem amante da Vida e cantor dela) desfolha as suas esperanças de um mundo melhor, de um amanhã sempre e cada vez melhor...

Se a paisagem não é totalmente bela, o Poeta encontra-lhe ainda um significado, e que significado:

«Nem a luz da Esperança nos acena para afugentar, dos sonhos, a tristeza deste quadro pintado a pesadelo com sombra de temor, nos seus relevos... E a Mãe-Natura fê-lo para poder realçar à luz do dia o maior quadro feito em poesia»

Que mais será preciso dizer de «Recantos Farenses», o novo livro de A. Vicente Campinas, Poeta e Escritor de que o Algarve se deve orgulhar?

Apenas que desejamos ardente a próxima saída dos seus livros anunciamos «A prova real» (contos) e «Raiz da Serenidade» (poesias). Ao mesmo tempo desejariam ver no campo das realidades a reedição das suas obras esgotadas «Fronteiriços» e «Travessia», não só porque não as conhecemos, mas porque sabemos do seu valor, do seu grande valor.

Casimiro de Brito

A seguir:

Sete noites de mãos dadas

poemas de Antero Amaral

ALVISSARAS

REMOENDO

O poeta esqueceu-se dum poema verde no banco do jardim. Veio um homem e comeu-o, a noite que descia aproveitou-o como bilhete de passagem! O rio inundou as margens e o poema verde boiou na superfície antes de submergir o seu corpo de alga e de ser planctón para o alimento dos pescadores. Houve quem o julgasse pasto para cabras, roedores e ruminantes. O poema verde permanecia no banco do jardim, disseminado entre as folhas e os tufo de plantas reais. Nasceram aves que o debicaram. As raparigas enfeitaram os chapéus, os pobres fizeram lindos cestos de vime, pão para a semana inteira. As canções populares traduziram-no. As rás entoaram á noite um concerto em sua honra, a que assistiram espíritos sensíveis. Quando o Outono chegou secaram as folhas e o vento levou-as para longe e para sempre. Então um poeta não quis magoar a herança, cortou um ramo e abraçou-o contra si. Nunca mais se viu no banco do jardim coisa que lembrasse um poema verde.

Ferreira, 25 Setembro 55.

Afonso Cautela

Um Poeta Venezuelano

Soneto de Gutierrez Coll

Dedicado a Heredia, autor de Les Tropiques

Como a túnica do teu nome régio
nenhuma ouvi a rica Babilónia.
No trono imperial não teme Ausónia
de tão glorioso fausto o preoilégio

Foste acaso buscar o sortilégio
das tuas rimas à citara de Jónia?
Ou em noites fantásticas de insónia
Délos pôs louros no teu verso egrégio?

Cantas! e o éter puro se ilumina!
Com aura pompa, deslumbrante chega
a púrpura, o azul, o sol, a calma.

E ao cintilar tua estrofe em voz divina
como deante de uma Dénus grega,
em muda contemplação fica minha alma!

Tradução de
JORGE RAMOS

Andam moças pelo mundo sem amor

Um poema de Casimiro de Brito

Andam moças pelo mundo sem amor
de pés ansiosos por pedras duras,
que não encontram nas ruas sequiosas
por onde caminham airosoamente...
Só os sapatos a coxar nas turvas águas
do eterno «Jardim das Mágicas»...
Os bancos de jardim
esses apodrecem ao sol,
e Perdem a cor,
e acham as rugas....
.... e conversam com elas também
a política dos corações insatisfeitos
que singram no mar das ondas alterosas, cegas,
que passam pelos bancos sem os ver,
que roubam as areias sem chorar,
que brincam aos meninos sem o ser,
que sorriem do João atraç da beata
e dos corpos de moça sem pudor...

Andam moças pelo mundo sem amor
à procura do momento colorido
em que a taça se quebra—e o chão
mostra mais duras as pedras do costume...

RECORTES

Um Poema

de Armindo Rodrigues

É bom cerrar os olhos
e de um fundo sedimento de lembranças,
de perdiças bagatelas,
procurar reerguer, não o passado,
Mas a ânsia do passado para hoje,
para o que hoje serio,
transfigurado ainda, ou outra vez transfigurado.
É bom cerrar os olhos e boiar
na confusa penumbra tranquíssima
de que, de espaço a espaço, se levanta
uma chama fugaz de assombro ou de pureza.

Do livro A Beleza Prometida

SOU sózinho mas tenho muitos irmãos, disseram-me na catequese. Pois te...
nho: o Miguel, o Victor, o Raúl, o César e o Afonso, (este é meu irmão...
também? Vá lá que seja. Mas outro dia pegou-me uma partida...) E não que...
ro mais nenhum.

E também tenho pai, calculem! Disseram-me que Jesus Cristo é meu pai, Mes...
não é pai de verdade. E só assim para eu me consolar por não ter ninguém que goste de mim cá neste mundo. Sei muito bem que um filho é um grande impecílio e só faz é mal. A minha mãe tem-me dito dezenas de vezes.

Eu gosto de Jesus Cristo. Tem uns olhos que fazem vontade de chorar e...
— coitadinho! — está todo espetado com pregos e ainda tem uma coroa de tojo enterrado na cabeça.

Não percebo por que é que toda a gente tem pena do mal que lhe fizeram e não o tiram daquela grande cruz.

... Se eu pudesse subir lá acima sem partar as jarras! Gostava de ver a cara das pessoas quando entrarem na igreja e O vissem, sentado no poial, já todo curadinho e bem vestido.

Gosto muito de Nosso Senhor! Já gostava antes de me ensinarem que Ele é meu pai, (só de fingir, claro). O meu pai era trabalhador e morreu debaixo dum tractor ainda eu não andava. Não se chamava Jesus. Era João. Eu só é que era filho dele.

Isto faz-me tanta confusão. Eu penso coisas complicadas!... Às vezes faço perguntas que as pessoas até julgam que eu não sou certo dos miolos.

Mas não percebo muito bem por que é que Jesus Cristo leva os nossos pais de verdade e depois fica Ele pai de todos. Assim é mais trabalho e muito pior.

Pelo Natal ainda me disseram que o Menino Jesus me dava umas calças e umas botas.

Ora, conversa! Esta manhã tive de pregar uma pregadeira aqui a tapar este buraco se não daqui a pouco anda com a barriga à mostra.

E botas então até me dá graça.

Havia de ser bonito, sim... Se calhar nem sabia andar.

Al que fino! Eu de botas!. Depois já era assim: olhe menino Quim (eu sou Joaquim) podia ir comprar-me, por favor, cinco litros de petróleo?

E haviam de me dar gorjeta como ao Chico do café. Pois!

A minha mãe às vezes parece que me tem uma grande zanga. E leva a vida a chorar. Até dá raiva. Eh! Às vezes, com dias de sol e tudo. Nunca está contente, nunca me faz nenhuma festa nem nada.

Eu cá não sou nenhum maricas! Mas gostava que ela conversasse comigo. Ainda não me aceitam no trabalho. Sou muito pequeno. E mesmo assim não sou muito ruim. Ainda ontem, com um frio que até as mãos pareciam de pau, fui ao «rabisco» eapanhei quase tres litros de azeitona. Pois nem se riu para mim, nem nada. Não tenho culpa de não crescer mais depressa. Ainda outro dia quando esfolei o joelho todo foi porque me pendurei na porta.

Dizem que faz a gente grande...

Estou farto da escola e da catequese e dessas coisas todas. O que eu queria era já ser um homem, ter umas botas e ir para a marinha. Eu já vi o mar. Está no meu livro da 3.ª. É azul e tem barcos...

...NHORA!... Já lá vou!

Eh! Nem deixam uma pessoa pensar.

Se são todos meus irmãos e Ele é pai da gente, por que é que só eu é que tenho de fazer mandados, ouvir descomposturas, e levar tarefas?

Grande favor, muito obrigado! ..

Maria Rosa Colaço

NOTÍCIAS do Teatro Experimental do Porto

EM 18 de Novembro findo deu o Círculo de Cultura Teatral do Porto, no seu Teatro de Algibeira, inicio à reposição de Antígona de António Pedro, uma nova glosa da Tragédia de Sófocles, numa série sucessiva de espectáculos — tantos quantos os necessários para que os seus (cerca de) 2 000 sócios puissent assistir.

O Teatro de Algibeira do Porto, único na península, como se sabe tem apenas a lotação de 100 espectadores pelo que de cada peça tem de fazer uma série de representações destinadas exclusivamente aos sócios, nessa altura a altitude a caminho dos 2.000.

Desta maneira inaugurou o Círculo de Cultura Teatral a época de 1956-57 repondo Antígona que fora representada pela primeira vez em 18 de Fevereiro de 1951 no Teatro São João, no Porto, quando o Teatro de Algibeira ainda não passava dum sonho. Esse sonho realizou-se depois dum luta árdua graças à perseverança, competência e sobretudo às fundas raízes que prendiam alguns homens ao que para eles era a vida — O Teatro.

Desses há que destacar António Pedro e Alexandre Babo. Hoje o Teatro Experimental do Porto é uma realidade e subsidiado pelo Fundo de Teatro traçou já o seu programa para a época teatral que agora se iniciou. El-lo: Guerra do Alecrim e da Mangoréa de António José da Silva; O Judeu; (versão original em ensaios); O Vagabundo do Mundo Ocidental, de J. M. Synge; Ratos e Homens, de J. Steinbeck; Um Deus Dormiu lá em casa, de Guilherme de Figueiredo, brasileiro, e uma peça ainda sem título do grande dramaturgo Luís Francisco Rebelo; As Caldeiras, de Ionesco e o Apolo de Belac, de Jean Giraudoux.

Deste modo a cidade do Porto pode orgulhar-se de ter dentro dos seus muros homens que, bem e compreendidos, são peças de real valor no funcionamento da máquina humana.

José Guerreiro

Uma campanha em marcha

«A Voz de Loulé» nasceu para Servir. Depois de quatro anos de múltiplos esforços em prol da terra e da cultura, este jornal continua fiel aos seus ideais. Melhorar, tem sido a palavra que o tem guiado. E Melhorar será a palavra que o guiará no futuro.

A partir de hoje, este modesto jornal de província, que durante quatro anos foi apenas um quinzenário, passa a ser semanário. Talvez esta mudança tenha pouco significado para alguns. Porém, estamos certos de que a maioria dos assinantes a aprovará, precisamente porque ela nasceu do seu incitamento.

Pela nossa parte damos o nosso inteiro aplauso e esforçar-nos-emos para que «A Voz de Loulé» seja um jornal digno de reparo, algo que se discuta, qualquer coisa que exista para lutar e não para vegetar. Se falamos em vegetar fazemo-lo com certas bases: a Pequena Imprensa, ainda que lutando com muitas dificuldades, traça o seu próprio caminho, muitas vezes de estagnação e outras de elevação. Não citaremos nomes, mas eles existem, oh se existem. Conhecemos muitas terras grandes, possibilidades, onde nem jornal há, ou se existe é o que se chama: um pobre de Cristo que anda cá por ver andar os outros.

Do mesmo modo, conhecemos outros agrupamentos populacionais onde existem jornais no verdadeiro sentido da palavra. Jornais de valor que honram o ambiente jornalístico regional sobremeneira os trabalhadores incansáveis que os guiam. Temos aqui um biblioteca ao lado, uma divagação de uma rap

O Monumento ao Infante D. Henrique

Continuação da 1.ª página

tentes não chegam para albergar aqueles que já procuram a excelência do nosso clima estival.

Mercê de determinantes históricas que agora não vamos analizar, por estarem fora do âmbito deste artigo, encontrou-se a gente Portuguesa, num momento épico da sua história, senhora das artes de marcar, e possuidora de uma técnica náutica de vanguarda, que, de triunfo em triunfo, num «crescendo» sinfônico a conduziram à epopeia dos descobrimentos, com que demos «novos mundos ao mundo».

Como centro de gravidade desse magnífico capítulo da nossa história, e como entidade integradora da alma nacional desse auro período, aparece-nos a figura do Infante D. Henrique. Este homem abandona as comodidades e bom viver da corte e, cercando-se dumas equipas de navegadores, cartógrafos, astrónomos, matemáticos e técnicos náuticos em geral, lança-se em Sagres à realização do sonho da sua geração, que também é o seu. Vence. Para glória eterna deste Povo, fomos, num determinado momento histórico, possuidores da mais avançada e mais actualizada técnica de navegação que nos levou à descoberta do Mundo. Do Algarve partiram as caravelas que rasgaram os Oceanos e permitiram o colossal advento das navegações mercantes actuais.

Mudaram-se os tempos, mudaram-se as vontades, diremos, parafraseando o nosso Épico, e hoje não se anda de caravela, mas sim de avião, meio de transporte hodierno, que à falta de aeroporto, está vedado aquele Algarve que há 5 séculos era o ponto de partida daquelas caravelas que revolucionaram o mundo de então.

Que lástima! Há 500 anos na vanguarda dos transportes ultramarinos, albergando o glorioso impulsor das descobertas, e sabedores de técnicas de navegação que os outros povos ignoravam, e hoje sem uns palmos de terra planos em que poissem essas afirmações da continuidade do esforço iniciado com as caravelas, e que hoje sulcam os ares, tornando o mundo mais pequeno. Há 500 anos, estávamos, à cabeça, hoje arrastamo-nos na cauda.

Porque não honraremos igualmente a memória do Infante Navegador construindo sob a sua invocação, um aeroporto? Sim. O Aeroporto Infante D. Henrique, onde se erguerá a sua estátua e em cujas salas de serviço, de recepção e de espera se lembrará ao viajante apressado de hoje a obra grandiosa daquele construtor dos alicerces do mundo actual, mostrando que os habitantes das terras donde partiram as suas caravelas não envergonham a sua memória.

Que os algarvios não apareçam choramingueiros, qual crianças a quem se tirou um brinquedo, e que lastimam a sua má sorte, mas que encarem o acontecimento como homens da sua época, compreendendo a decisão governamental e acatando-a. Pois se não nos querem dar o Monumento, que estimariamos construir nas nossas terras, que se vá para diante com a construção do aeroporto, cuja necessidade e urgência está pelo Governo e por todo o País de há muito reconhecida.

A limpidez permanente do nosso céu permitirá que os aviões aqui aterrem quando os aeroportos de Lisboa e Porto não os poderem receber, e escusarão de demandar terras estranhas. A província ficará ligada ao mundo que as suas caravelas descobriram e do qual hoje está alheada. E o nome do Infante, quinhentos anos volvidos, voltará a figurar nas rotas internacionais, e lembrará às gentes estranhas que aqui poisa rem o esforço de um homem e de um povo para a estruturação da civilização que hoje usufruem.

O Mar é uma determinante histórica na alma portuguesa. Logo que acabou a arrancada heróica da reconquista, este povo voltou-se para o mar.

Dominou o, e desde então, uma grande parte da grei portuguesa vive do mar, quer pela nossa frota mercante, ponto importante no nosso complexo económico, quer pela ligação com as nossas províncias ultramarinas, quer pela importância da nossa actividade piscatória, quer finalmente pela fama mundial das nossas praias.

Particularmente, o Algarve, talvez meio-Algarve vive do mar. São os pescadores, são as traineiras, são as fábricas de conserva, é o sal, são as praias na época de veraneio. Ano em que escasseia a pesca, é ano de miséria para todos, porque a economia da província é fortemente afectada. Lembremo-nos que a indústria de conservas é de longe a mais importante e expandida na Província e a que mais bocas alimenta.

Julgo que os descendentes do Infante Navegador completariam a homenagem à memória do inclito antepassado com a criação e manutenção de um instituto oceanográfico e de biologia marítima, para continuar o estudo desse «Mar ignoto» com os meios e recursos dos tempos hodiernos.

Ai, no Instituto INFANTE D. HENRIQUE, «à beira mar plantado» se estudariam as migrações das espécies piscícolas de interesse económico, colhendo elementos científicos e técnicos do maior significado. Estudar-se-ia o plancton, a constituição dos fundos costeiros, a influência da temperatura das águas no desenvolvimento das espécies, e a possibilidade da cultura de certos moluscos e crustáceos nas condições particularmente favoráveis existentes na Ria de Faro, e não sei se nos sapais de Alvôr.

Que melhor honra para a memória do Infante do que aquela que demonstraria precisamente a continuação e perseverança das virtudes da raça, mantendo não uma atitude basbaque pelo passado glorioso considerado como espécie de paraíso perdido, mas uma admiração talvez ainda maior pelo esforço incomensurável que esses gloriosos antepassados com tão poucos recursos realizaram, procurando seguir na esteira das suas qualidades, afirmando-se perante o mundo de hoje como eles se afirmaram perante o mundo de então.

Hoje em dia também a Nação atravessa uma ampla e sábia época de reconstrução, amplamente documentada pela estabilidade do orçamento nacional, pelas inofismáveis obras de fomento, pela expansão consciente da nossa indústria.

Os Portugueses estão de novo lutando para que os seus filhos de amanhã também possam ter orgulho e pensar em erger monumentos aos seus antepassados, hoje viventes.

Que os Algarvios conscientes da sua condição de homens e de Portugueses se unam nesta nova cruzada de reconstrução, e que exponham ao seu Governo a justeza dos seus anseios e das suas pretensões, solicitando-lhe, no interesse do bem comum, a construção do Aeroporto Infante D. Henrique e a criação do Instituto Infante D. Henrique, duas obras de interesse geral, e com as quais pagamos a dívida de gratidão desta Província ao Infante Navegador.

J. M. Farrajota Cavaco

«Loulé... em retrato»

BONS dias, Boas Festas!

E' geral a alegria, a sinceridade com que, espontaneamente, nos saímos estas saudações na quadra que estamos passando.

Que sentido de humanismo e de fraternidade colectiva, nos impõe o respeito por estes dias!

Não se avivam rancores, não se procuram dissídios, não se inventam calúnias, parece enfim que a humanidade é tomada de um banho de ternura e bondade que torna a vida mais bela, mais agradável e digna de ser vivida! E' porque neste Dia do Nascimento de Cristo, todos nos sentimos mais cristãos, mais puros e menos judeus, no sentido depreciativo que, entre nós, se dá a esta expressão.

Porque não serão todos os dias na vida, como o Dia de Natal?

Voltamos a ver nesta quadra, pessoas que estimamos, consideramos e admiramos e que nos alegra muito encontrar ou rever.

São pessoas que vêm em pergunta do elo familiar, para, de longe em longe, recordarem e avivarem as reminiscências do doce conchego do lar, a suave paz da Família, o saudoso tempo da mocidade, onde lhes foram inculcadas aquelas normas e preceitos, cujo culto, em maior ou menor grau, os conduziu pelos diferentes caminhos da vida!

Expressões de ternura afectuosa, de sensibilidade requintada, traduzindo corações de um misticismo encantador, são trocadas entre familiares, amigos e conhecidos e até estranhos!

Há dois dias, numa vizinha cidade de Espanha, ao entrarmos num casino, fomos saudados festivamente por pessoas desconhecidas com diferenças inesperadas, com um acolhimento gentilíssimo.

Até um cartão de Boas Festas da Direcção nos foi mandado entregar!

E para os que não puderam vir, pelas imposições da distância, dos seus afazeres, ou das suas responsabilidades profissionais, que sentida saudade e afecto lhes foi consagrado!

A sua ausência foi sentidamente evocada, ternamente lembrada, e no espírito de todos pairou, mais expressiva que todos, a etimologia da frase: Boas Festas!

Na nossa Vila, o Natal foi passado quase sem frio, os corações todos a bater de quentes no convívio das visitas de familiares e conhecidos.

Muita gente saiu para a rua, a nossa Avenida regorgitou de pessoas, os cafés fizeram farta colheita e a miudagem mostrava-se satisfeita com o recheio dos sapatinhos.

Na véspera de Natal perguntara-se a uma menina de 5 anos o que estimaria ela mais que lhe pusessem no sapatinho. E a resposta foi encantadora:

— Há muito tempo que eu venho pedindo ao Menino Jesus que me ponha uma coisa no sapatinho! Mas não digo a ninguém o que é, sabe?

É que eu quero saber, de certeza, se é ele ou não! Se aparecer o que eu pedi, então é de verdade!

Aproxima-se o outro dia de festa: Dia de Ano Novo!

Não quiz a Providência que lá se chegasse sem ter chuvido.

Que esta coisa da chuva, estava a preocupar seriamente a agricultura e a dar-nos a ideia de que o ano que se adianta iria ser do género desastroso.

Mas já fez a sua aparição e prometeu não faltar.

Que assim seja para que as Novas Entradas sejam boas para todos.

Reporter X

CASA

Vende-se um prédio com 7 divisões, forno, cisterna, dependências agrícolas e terreno com arvoredo, no sítio dos Cavacos.

Tratar com Manuel Coelho Farrajota - Quarteira.

“AMAZONA”



O café de cevada que todos preferem

O mais puro

O mais delicioso

Preparação especial de

Manuel Leal Farrajota

L O U L É



A MÁQUINA DE COSTURA PORTUGUESA
AO SERVIÇO DA MULHER PORTUGUESA

Milhares de unidades vendidas atestam a surpreendente e inegável qualidade mecânica
da máquina de costura OLIVA

Vendas a pronto e a prestações

Agente oficial em Loulé :

Manuel Rodrigues Ventura Júnior
Av. Marçal Pacheco, 80
LOULÉ

CUMPRIMENTOS de Boas Festas

NOVOS ASSINANTES

Dia a dia, engrossa a massa dos nossos assinantes, encorajando-nos de júbilo e satisfação por nos sentirmos compreendidos e amparados. Hoje, gostosamente registamos mais os seguintes nomes:

Joaquim José Raminhos, Loulé; Manuel Baltazar, Almada; Januário Sousa Calijo, Venezuela; Pessoão Rolão, Lisboa; Augusto Guerreiro Floro, Moura; Gaspar da Piedade Silva da Encarnação, Vila do Bispo; D. Maria da Piedade Sacramento Santos, Faro; Manuel Silvério Castro Martins, Manuel Marques Fernandes, Silvino Custódio Mendes, António Guerreiro Cavaco, Joaquim de Sousa, Dr. Marina Barbosa Viegas, António Faria, José Barão, Casimiro de Brito, Máximo Olegário da Conceição, sr. D. Joaquina de Sousa Ramos, Constantino Coelho Cabanha, subchefe da P. S. P. de Loulé, e Eduar o Olímpio Espada e a sr^a D. Ilda Noqueira Cavaco, residente na Argentina.

Uma campanha

(Continuação da 2.ª página)

competição muito interessante (dizendo-lo em primeira mão) tendente a angariar mais assinantes para o jornal. E' mister levá-lo a toda a parte, do mesmo modo que é mister fazer de "A Voz de Loulé", não um jornal puro e simplesmente Regional, mas um padrão com interesse nacional. Por isso abrimos as nossas portas a todos, sem exceção... Não temos o direito de sonhar? Pensamos que sim. Pois bem, depois de uma Batalha de Flores conhecida em todo o país, desejamos contribuir para fazer um jornal conhecido em todo o país. Advinhamos os sorrisos irónicos, que se desenham nalguns leitores mais pessimistas. Mas nós continuaremos a nossa obra e, «voici le point», jamais nos furtaremos a quaisquer esforços tendentes a Melhorar.

Falamos numa competição. Tudo muito simples, afinal. Por cada novo assinante que for proposto, ofereceremos um livro de prémio. E, urge informar os nossos leitores: temos algumas centenas, ou se for preciso alguns milhares de livros para oferecer aos nossos estimados leitores. Mãoz à obra, é agora a frase de combate.. Para que o objectivo seja alcançado, «Prisma» oferece toda a possível colaboração.

C. C. C.

LEIAI!
ASSINEI!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

OFERECE-SE

Ajudante de Guarda-livros

Com bastante prática de serviço de escritório e contabilidade.

Nesta redacção se informa.

MOTORES Terrestres e Marítimos

A PETRÓLEO — A GASÓLEO

das melhores marcas e aos melhores preços

Em exposição no estabelecimento

DE José Reinaldo
= Gomes Pacheco

R. Ferreira Neto, 23 - Telef. 498

FARO

PADARIA

Crespassa-se ou Iluga-se

Com boa laboração, situada na Campina de Cima, com casa de habitação com 5 divisões, água e luz. Próximo da Avenida José da Costa Mehalha.

Quem pretender dirija-se a José Francisco Pinguinha J.^o.
Campa de Cima — Loulé.

Variações à volta dum eczema

A A. Santa Clara

Se no alongamento da sombra do quadrante
há frémitos da asa a riscarem parábolas insensatas
porque não continuar o poema?
Porque não ouvir as vozes que vêm à superfície
diluidas
a roçar as tangentes do silêncio!...

Em nossas mãos patrícias há gritos!
(ainda que os não entendam...) Anseios de liberdade sem métrica nem rima!

As palavras são as que quiserem... Há tantas ilusões no lançamento de uma mensagem como na mistica de um pensamento germinado em inquietações

E quaisquer que sejam —Pingo ou projecção espiritual?!... Há mais pingos no desalento de uma vida desesperada que projecção espiritual no desejo do vagabundo ao ouvir «o circunlóquio ideal das meias solas, quando aspira possuir umas botas de água

E ainda que isto cheire a cabedal a verdade é que em tudo há poesia... Venha ela ardida no calor do asceta ou desprendida no amolecimento de um amanuense

Glória à poesia popularizada e não prostituida mas sim devolvida ao povo que a criou

E agora que nos encontramos no limiar da Porta Nova olha a ria os barcos os pescadores!

E quem é que não entende os ritmos desenrolados na faina da barca que vão mar fóra?...

Podes ensaiar de novo criar outros devaneios. outras sintaxes porque em nada se modificará a poesia Ela vem na evolução sempre sentida na mesma geratriz quer se desenhe no canto de um passaro ou nas «lanterjoulas bailando no vértice» de um sonho Ela está nas dores ouvidas pelas auroras boreais que se desfazem no espaço infinito ou no gemido solto que vem dos fragmentos materiais

E o que somos todos nós? Senão uma intercomunicação poética da vida em toda a manifestação de energia

Ah! Quanta identificação ressalta na dor de uma pena que cai ou no silvo destemperado de uma rocha partida!...

E ainda que o poema não seja aplaudido ele é um grito de alma que sai...

E num coeficiente dez pode haver tanta poesia como verdades ou incoerências nas lutas fratricidas jogadas em «encruzilhadas dos cravos de cabecinha»...

Quanta poesia há nas intenções dos nossos passos quando se desfibraram marés altas... Ou nos «terciopélos lívidos bailando marés baixas» em lenticidade misteriosa... Luminosidades das algas faróis da vida desenhados em ponto de cruz ou na chama do Gaz Cidla E quanta há nas equações do tempo medidas num relógio de pulso E porque não no brilho de um botão de punho?

Costa Mendes

AGÊNCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

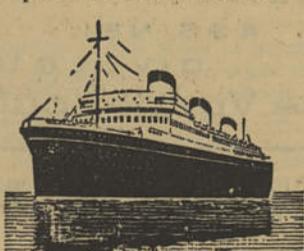
Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216-FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares



Transportes de Carga Louletana, L.º



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova do Desterro, 35, para a Rua de S. Mamede, 24-D. (ao Caldas) Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

Os monstros

(Conc. do número anterior)

Tudo é possível, uma vez que o Ocidente não tem querido ou não tem sabido aproveitar as oportunidades para arredar o mal.

Desta vez, se vierem, não vêm desprevenidos; trazem apetrechamento novo, armas e bagagens que souberam extorquir ao Ocidente a troco de falsas aparições. Serviu-lhes de em-sário Pedro, o Grande, que sob a aparência de simples operário levou consigo o segredo das grandes construções e das boas obras de arte. O monstro queria entrar em campo civilizado, desejo que só poderia obter cabal satisfação se o protagonista soubesse transfigurar-se em pessoa distinta, criando no seu próprio modo e processos conformes ao luxo e à etiqueta. Isso, porém, não chegava para preencher o papel que se tinha em vista; era preciso mais alguma coisa para doiar a fera de garras com as quais se propunha rasgar a pele da Europa; essa alguma coisa consistia na doutrina e na ciência, entre tanto ausentes, mas de aquisição que se segura, como mais tarde se verificou. Uma e outra não eram de criação espontânea no solo russo, e por isso foi preciso lançar mão dos vizinhos, sobretudo dos alemães. Nietzsche era alemão: C. Marx, alemão era; os produtores da bomba atómica pertenciam a vários grupos étnicos. O primeiro forneceu a doutrina e criou o deus da força; o segundo, o deus do trabalho; os últimos proporcionaram as armas que haviam de completar a estrutura moral e física do monstro. Eram estes três elementos, criados em simbiose, que iriam assentear no espírito agnóstico do Russo, nessa assimilação tártaro-mongol, evoluída à margem de duas civilizações: a europeia e a asiática. Nesse tipo de gente falsa quase sempre a concepção do indivíduo e da pessoa humana irmanada de princípios cristãos; o homem é apenas um instrumento de força e de trabalho sob a influência dum fatalismo inexorável, único responsável pelos seus destinos. Como senhor, é despótico e cruel: servo, é bálico, sem iniciativa, e oferece-se como instrumento para todos os actos. Neste coro junto encontram-se todas as peças, todos os órgãos, todos os requisitos que possam constituir o arcano físico e moral do monstro.

Que admira agora que ele caia sobre a Polónia com uma crueldade satânica, que se lance sobre a Hungria como um flagelo brutal, matando e destruindo a esmo? Entretanto, e como instrumento de propaganda, o monstro serve-se dum subterfúgio aliciante: a emancipação política e social do homem sob a égide dum promissor igualdade. Que ironial se a pr...

Alfaiataria Astória

José Guerreiro da Piedade

Apresenta cumprimentos de Boas Festas a todos os seus Prezados Clientes e Amigos e deseja-lhes um Novo Ano muito Feliz.

Av. José da Costa Mealha

DIARIO

Notas dispersas

Discussão — Multipli-cam-se no ar os braços de discussão. Num canto qualquer, numa rua qualquer, a uma hora qual quer...

Da poesia e da sua mensagem.

Ele, que não. Eu, que sim. Depois, ele que sim e eu que não. Como todas as discussões, pois claro.

Ele, que a poesia deve adornar com bonitos de marfim — é assim que ele lhes chama — e deve aparecer-nos envolta em túnicas de gaze e de seda, de azul e de sonho, de mar e de vinho. Que deve ser etérea, linfática, e falar-nos de sereias irreais e de sélides eleitas e originais

E eu, que não... Que a poesia deve brotar, deve brotar, virgem e nua, espontaneamente, trazendo apenas como manto o não-manto da sua própria essência, o magickismo da sua simplicidade. Que a poesia não deve parecer, nem dizer, nem tão pouco transmitir... Que a poesia deve apenas SER...

Quando falo de poesia, recordo poesia. Eis alguns versos de Archibald Mac Leish, dos maiores poetas da língua inglesa:

A poem should be equal to:
Not true

A poem should not mean
But be.

E, como das outras vezes, a discussão acabou e não acabou. Foi e não foi. Convencionalmente o assunto arrumou-se com um

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

Crianças

Crianças!...
Que mimo de amor
Que graça e candura...
A paz dos seus olhos
Da sua inocência
Dá brilho e frescura
Aos olhos cansados
De avós namorados
Da doce ternura
Das lindas crianças.

E os homens tão maus
Não vêm a prece
De paz e amor,
Não vêm brilhar
O estranho fulgor
Desejo a anseio
Que os olhos refletem
Dum mundo melhor
Sem guerras, nem lutas
Sem ódios, maldades,
Um mundo em que os homens
Tenham no olhar
E no coração
A doce inocência
A paz e o amor
Das meigas crianças...

Vivaldo Beldade

O baile

dos estudantes

COM larga representação da nossa melhor sociedade e com a quase totalidade dos estudantes louletanos que vieram a Loulé passar o Natal com suas famílias, realizou-se na noite de 29 de Dezembro numa ampla sala particular da Rua Rainha D. Leonor, um animadíssimo baile-servido que resultou num verdadeiro sucesso para os organizadores e para as instituições de beneficência da terra, que são contempladas.

A grande ampliação da sala não permitiu dar ao baile aquele ambiente que seria fácil obter com tão numerosa e selecta assistência em sala mais aconchegadora, mas foi sem dúvida o único local em Loulé onde seria possível colocar cerca de 100 mesas e deixar recinto para que a totalidade dos seus ocupantes pudesse dançar à vontade.

Cremos que pela primeira vez nesta vila um baile foi abrillantado por 2 orquestras (Night and Day, de Faro e Imperial Jazz Tavirense) e ainda com a colaboração do apreciado vocalista Idalécio Dias, facto que contribui grandemente para que fosse assinalada a presença de muitos forasteiros e para que se dançasse quase ininterruptamente até de madrugada com grande animação.

Segundo consta, a receita líquida foi de cerca de 12 contos, o que demonstra bem o êxito conseguido.

Os nossos parabens à Comissão organizadora por ter conseguido levar a cabo uma festa de confraternização entre estudantes louletanos com fins tão altruístas e de resultados tão brilhantes.

VENDE-SE TERRENO

Autorizado para construção, na Avenida Marginal em Quarteira.

Tratar com Isidoro Martins dos Santos, em Quarteira ou Loulé.

IMPRESSOS

ECONÓMICOS

RÁPIDOS

PERFEITOS

Executam-se na

Gráfica Louletana

Telefone 216

LOULE

Manuel III. Gomes dos Santos

Solas, Pelarias, Miudezas e Novidades

Cumprimenta os seus Ex.ºs Clientes e Amigos e deseja que o Novo Ano lhes seja portador de venturosa prosperidade.

Rua Eng.º Duarte Pacheco, 1

Se a sua máquina de Escrever

Necessita ser

Reparada

Limpada

Lubrificada

Deve confiá-la ao técnico habilitado

Joaquim Mariano

Rua Frei Joaquim de Loulé, 34

LOULE

APRECIA ESTE JORNAL?

Prestará um bom serviço recomendando a sua assinatura aos seus amigos.

Quanto maior fôr o número de assinantes de «A Voz de Loulé» melhor se tornará a sua apresentação e a sua colaboração.

Não compre

Móveis ou adornos
para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha - LOULÉ

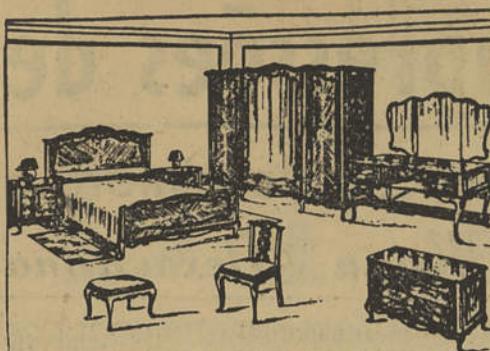
MOBÍLIAS - ESTOFOS - TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto SYNTECO

(que resolve o problema do enceramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa



A VOZ DE LOULE'

(Continuação da 1.ª página)

de Loulé», honrado bastião da Imprensa Algarvia, todas as semanas, facto este que, de certo não passará despercebido aos seus assinantes e amigos, dando até motivos para alegria e orgulho, mórmente àqueles que nas suas colunas têm terçado, com dignidade e impoluta honestidade, os problemas da região sotaventina algarvia.

Agora, mais do que ontem, torna-se um imperativo de consciência, ajudar e amparar quem, tão carinhosa e desinteressadamente, se tem batido com galhardia e amor pelo lindo torrão algarvio; agora mais do que ontem, quando o Algarve precisa de quem o defenda e pugne pelos seus mais instantes problemas; hoje e sempre, para que a esta linda região não continue a ser esquecida como o tam sido até aqui!...

O ALGARVE, região que todos sabem quanto vale, o que na economia do País representa e o quanto de dedicado tem sido à Política de SALAZAR, necessita de uma Imprensa activa, construtiva e entusiástica que se bata pelas suas legítimas e justas aspirações, até serem, com integra justiça, reconhecidas e toradas realidades.

A «A Voz de Loulé»—que ninguém lhe contesta esse direito—tem sido um dos baluartes que se publicam nesta província, que tem dado o seu contributo e de reconhecer é, BASTANTE VALIOSO, na defesa e propagação desta parcela territorial da Nação, que se chama o ALGARVE.

Não interessa só aos louletanos o facto que hoje se assinala na Imprensa algarvia — a passagem a semanário do

seu jornal, e sim, a todos os algarvios que prezam o torrão onde nasceram; justificando-se depois, o carinho que à "A Voz de Loulé" deve ser, no futuro, dispensado.

Este modesto órgão da Imprensa algarvia que, nos seus quatro anos de publicação quinzenal, soube conquistar uma posição, e ela de elevação e cheia de brilhantismo, nas pugnas e batalhas pela valorização e progresso da sua região, tem de mantê-la como semanário e, para isso, é digno que seja compreendido e ajudado não só no campo moral, como materialmente.

Se até aqui este órgão, como quinzenário, adquiriu responsabilidades perante a opinião pública algarvia, agora, como semanário, outras irá assumir e de maior projecção, carecendo, por isso, dum mais vasto e comprehensível apoio.

Suponho que esse apoio não

Ecos de SALIR

A Junta de Freguesia de Salir, distribuiu na véspera do Natal a 90 pobrezinhos, diversos géneros alimentícios, tais como: açucar, arroz, café, carne, pão e grãos, no valor superior a 2.000\$00.

C.

VENDE-SE TERRENO

Autorizado para construção, na Avenida Marginal em Quarteira.

Tratar com Isidoro Martins dos Santos, em Quarteira ou Loulé.

faltará, jámais, nesta hora de cruciante tristeza para o AL GARVE, que acaba de ser ferido em pleno coração... «a desistência da ereção do Monumento do Infante no Promontório de Sagres».

Luis Sebastião Peres

No vosso interesse...

Não

COMPRE...
VENDA...
TROQUE...

AUTOMÓVEIS OU FOURGONETAS

SEM CONSULTAR

Manuel Rodrigues Martins (Manuel Anica)

As melhores condições de preços
GARANTIA E HONESTIDADE

Em LISBOA—Rua General Simel de Cordes, 13-E
Em LOULÉ — Telefone 8

Visado pela Comissão de Censura

Pensão Alentejana

Largo da Trindade, 16

LISBOA
Telefone: 23084

Com nova gérência e completamente remodelada, esta pensão, situada no melhor local da cidade, dispõe de magníficos apartamentos e óptimo serviço de mesa.

Preferi-la é ter a certeza de ficar bem servido
Preços convidativos

Farmácia MADEIRA

Direcção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71

LOULÉ

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTÂNCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

PERFUMARIAS, ETC..

Produtos destinados à higiene e à profilaxia



A Imprensa Regionalista

(Continuação da 1.ª página)

mar: o passo ora dado vem dar plena satisfação aos anseios de muitas centenas dessas «folhas de couve»— a Imprensa regional — que se publicam de Norte a Sul do País e no Ultramar.

Agora, só resta aos que ainda não vieram ao nosso encontro e tantos são ainda—formarem, sem quaisquer reservas, no quadro que umas centenas estabeleceram para a sua defesa.

Da «União nasce a Força».

A novel Associação necessita de um apoio uno e forte para poder fazer Obra.

Não é em fórmulas dialécticas e de extensivos arrazoados de «palavreado», enchendo colunas e colunas de papel impresso que se corporiza a Nossa Associação. Nela todos cabem: desde o Director ao Editor, como do Redactor ao mais modesto colaborador.

Se se vinha debatendo a necessidade de se organizar a Imprensa Regionalista em moldes legais, agora que ela está legalmente constituída e já em pleno funcionamento, porque se espera então?

Porque, então, esse retraimento, essa demora no envio das inscrições que a todos os jornais foram enviados?

Dos 498 periódicos e publicações que se editam e vêm a luz da publicidade no Império Português, ultrapassa de duas centenas os que já se inscreveram. É pouco.

A Associação precisa de mais, muito mais, embora se reconheça que nem todos virão.

O número faz a força. E a Associação da Imprensa Regional e Técnica agora criada, precisa de ser uma força no serviço da Nação!

A «A Voz de Loulé», um dos órgãos da Imprensa Algarvia, está já associada a tão simpática instituição cooperativista, facto que nos apraz registar neste modesto artigo.

A atitude tomada por este valoroso baluarte da Pequena Imprensa que se publica na linda vila louletana, é compreensível e justifica a sua inteira concordância com o cerrar de fileiras da imprensa provinciana.

E esses outros jornais que, em extensos artigos, se queixavam amargamente da inferioridade e abandono em que eram tidos e votados, lamentando-se por não lhe reconhecerem igualdade de direitos aos que trabalham na Imprensa diária; porque eram então?

Há uma Associação da Imprensa Regionalista e, é nela que todos, absolutamente todos os que trabalham nessa gloriosa Imprensa devem estar.

A frente da Imprensa Regionalista está constituída.

Demos a elas todo o nosso carinho e espírito combativo para que surja obra perfeita e útil.

O resto não conta...

Luis Sebastião Peres

VENDE-SE

Uma casa na Rua Diogo P.reira, 36-38, com corredor, 6 compartimentos e quintal. Tem casa no quintal e um armazém junto.

Nesta redacção se informa,

Aos Senhorios

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana

Rafael Almeida Santos

R. DIOGO CÃO, 20 - EVORA

Trata de toda a documentação para AUTOMÓVEIS, MOTORISTAS, e candidatos a CONDUTORES

A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS

Escritório 2206
Residência 2768

Dr. Teodoro de Sousa Pedro - Anestesiologista

TELEFONE 52

LOULÉ

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

LOULÉ

Direcção Clínica de: Dr. Manuel Cabeçadas

DR. MANUEL CABEÇADAS

Doenças cirúrgicas e operações

Consultas todos os dias úteis às 15 horas

DR. ALVES VALLADARES

Doenças de nariz ouvidos e garganta

Consultas aos 1.º e 3.º sábados de cada mês

Dr. Teodoro de Sousa Pedro - Anestesiologista

TELEFONE 52

LOULÉ

Cultura Louletana

Um concurso bairrista

Continuamos hoje a publicação de original para o nosso concurso.

O artigo que hoje publicamos sob o pseudónimo de «Barros» é de um jovem louletano que há alguns anos exerce a sua actividade em Lisboa e o soneto é igualmente de um jovem louletano, estudante em Lisboa:

É sempre com saudade que me lembro do meu infeliz Pai.

Antigo operário, tolhido na cama por aleijão adquirido em sinistro do trabalho, reservava-nos todos os dias, depois do jantar, uma hora de história de Loulé, que, religiosamente ouviamos, e para a qual toda a família se reunia em volta do leito.

Técnico Agrícola

Com longa prática de administração e avaliação de propriedades rústicas, põe à disposição dos interessados a sua colaboração.

Resposta a:

CARLOS G. RIBEIRO — Rua 5 de Outubro, 60-1.º E.º (Rua das Lojas) — LOULÉ.

Panelas de pressão

'Austria Emil'

em aço esmaltado

Distribuidores

União de Mercearias

do Algarve, Lda.

LOULÉ

Se deseja

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 - LOULÉ

A nossa conversão

A Nossa Senhora da Piedade

No pélago letal da indiferença
Oh! mais qu'indiferença, d'impiedade
Bebí a largos tragos a maldade
E dava-a a beber com fúria imensa.

Cedo evasiei a taça da descrença.
Esqueci Deus. Buscava a felicidade
Nos bens da terra, orgias, na amizade
Doutros como eu sem Deus, Amor, nem Crença.

Mas vi-te, um dia, ó Mãe, triste e magoada,
Assim, no teu Andor, triste, chorando
E em teu olhar eu fiquei preso, absorto...

Depois, ó Mãe, não sei dizer mais nada,
Segui sólamente o teu olhar—foi quando
Caí por terra e amei Teu Filho morto!

Ajoelha tu também, e junto de Maria
Reza por ti e pela Hungria ..

Loulé, 25 de Novembro de 1956

Dinando Valfior

Auto - Eléctrica Louletana

Tudo para electricidade e rádios de automóveis

Reparações de instalações eléctricas em todos os veículos motorizados

Bobinagem de dinamos, feita em 6 horas, com 6 meses de garantia

Motores industriais

Para reparações em quaisquer motores eléctricos, será do interesse de V. Ex.º não deixar de consultar os preços da

Auto -

A propósito da poesia

(Continuação da 1.ª página)

poetas numa epidemia que chega a assumir o aspecto grave duma verdadeira Papeira Lírica. Já não há ninguém — pode dizer-se — que não faça versos; porque aqueles que ainda possam encontrar alguma dificuldade em se sujeitarem aos velhos cânones da acentuação, métrica e rima, não têm mais que libertar o seu estro dessa incômoda bota de elástico e produzirem da maneira que quiserem, passando assim imediatamente pela simples operação caligráfica de colocarem palavras umas por debaixo das outras, a serem considerados modernos. A Crítica os defenderá de qualquer crítica. São poetas e não há que discutir.

O que escreveram não é para se perceber, é para se sentir.

Ora sucedeu que eu resolvi também alinhar um chorilho de disparates, desde o título: «Eczema da Refinaria Oculta» colocando de qualquer maneira as palavras em frases pouco extensas de modo a dar ao todo a configuração gráfica dum poema. Pois bem: quando eu me preparava para saborear a justa reacção do leitor perante o desconchavo daquela causa sem pés nem cabeça, eis que muita gente achou aquilo dotado de valor poético. A princípio isto surpreendeu-me, mas depois compreendi-o. Não, meus senhores. Aquilo não tem valor poético. Tem apenas algum prestígio de sonoridade verbal — causa que muitas vezes se confunde com Poesia — e, quando muito, um certo ritmo nascido do facto de, espontaneamente e portanto sem essa intenção, eu lhe ter dado aqui e alem, as qualidades clássicas de acentuação e métrica.

Necessitarei, para me explicar melhor e poder justificar a afirmação que acabo de fazer de que aquilo não posse Poesia, de definir o que entendo por Poesia. Adiante o direi na altura própria. Por ora desejo apenas chamar a atenção para uma convicção que está bem assente em meu espírito e que é importante enunciar já, de entrada, a fim de evitar juízos prematuros. E' a seguinte:

— Compreendo a existência duma Arte moderna — e portanto daquilo a que chamamos poesia moderna — totalmente desligada dos velhos moldes clássicos, totalmente alheia aos cânones da métrica, da rima e da acentuação. Prefiro mesmo estas novas formas de expressão poética porque as encontro muito mais belas e expressivas do que as antigas.

Afirmado isto, que irá de certo esclarecer muitos que estavam talvez a pensar que eu detestava, ou não compreendia, ou não sentia, o «moderno», resta-me acrescentar que, por tudo o que aqui escrevi, se deve inferir que neste moderno afinal há possibilidade de distinguir e classificar, separando o bom

Não se esqueça
de que é em
JANEIRO:

= Que os mancebos que completam 20 anos, durante o ano, têm de comparecer na Secretaria da Câmara a prestar esclarecimentos, ou melhor, como se diz vulgarmente: «a dar o nome prás sortes»;

= Que os rapazes nestas condições, mas residentes em concelho diferente do da naturalidade, podem requerer o recenseamento por esse concelho, para o que devem dirigir o requerimento, acompanhado da certidão de idade, ao Presidente da Câmara;

= Que se devem tirar as licenças por letrários, para vendedores ambulantes, para ocupação da via pública com objectos expositos fora das portas, com toldo, com bombas de gasolina e outros artigos;

= Que se devem munir de licenças para uso e porte de armas de defesa ou caça e de licença para caçar;

= Que devem solicitar-se licenças para cães de guarda, caça ou luxo;

= Que devem pagar-se as licenças de porta aberta para cafés, casas de pisto, confeitorias, leitorias, tabernas, pensões, restaurantes na-telarias;

= Que é neste mês e no de Fevereiro que se devem apresentar as declarações de seguro dos prédios e dos estabelecimentos, para evitarem de ser colectados no imposto para o serviço de incêndios;

= Que deve manifestar o seu automóvel até ao dia 15 deste mês, solicitando na Câmara os respectivos impressos;

= Que os subditos estrangeiros, residentes em Portugal, devem renovar as suas declarações de residência.

Direi nos artigos seguintes:

Primeiro: — porque razão tem necessariamente de existir um critério racional na apreciação da obra de Arte, sem o qual não seria possível distinguir e classificar;

Segundo: — que este critério nos permite definir Poesia e portanto descobrir onde ela se encontra e onde ela não existe.

E por hoje não masso mais o leitor.

A. Santa Clara

Cobrança de assinaturas

(Continuação da 1.ª página)

Sinceros agradecimentos e desde já contamos com a sua boa vontade na pronta liquidação dos recibos.

Para melhor elucidação, repetimos a seguir as novas preços de assinatura de «A Voz de Loulé»:

Trimestre	14\$00
Semestre	28\$00
Ano	50\$00
Ultramar (Ano)	60\$00
Estrangeiro (Ano)	70\$00
Avulso	1\$20

Sempre que a cobrança for efectuada pelo correio ou pelos nossos agentes terá um aumento de 1\$50, seja qual for a importância do recibo.

Chamamos a atenção dos nossos estimados assinantes para o facto de só aparentemente «A Voz de Loulé» passar para o dobro do preço, pois publicavam se sómente 2 jornais por mês, enquanto que futuramente haverá meses de 5 jornais.

Ezequiel Martins Rodrigues

Proprietário da Alfaiataria Rodrigues

Agradece a todos os seus estimados Clientes e Amigos a preferência com que distinguiram a sua casa e deseja-lhes um Novo Ano repleto de venturas

Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira

Impressões de arte

Exposição da pintora algarvia

Maria Alexandrina Berger

Por A. Vieira Neves

No salão do andar nobre do Palácio Foz, em Lisboa, encontram-se em exposição 65 óleos de D. Maria Alexandrina Pires Berger.

Natural de Faro, capital deste Algarve florido de branco esmeralda, esmaltes heráldicos desta província costeira das águas atlânticas, onde as amendoeiras se cobrem de mantos nevados, ornados por desenhos caprichosos das folhas verdes das higueiras e alfarrabieiras, expõe esta artista, há cerca de uma trintena, pela primeira vez, na sua terra natal, a interpretação da sua sensibilidade artística, numa meia centena de paisagens e marinhas.

Nunca período em que a arte evoluiu, — segundo afirmam os modernos cultores da nova arte, — para o abstrato, filosófico e surrealista, é com agrado que ainda se nos proporciona oportunidade de ver trabalhos mais conforme com o natural e, por isso, mais consentâneos com o formativo pictórico, segundo modelos interpretados dentro da arte e do gosto psicológico do impressionismo racional, sem deformações inexpressivas.

Certamente por termos atingido o meio século da idade da própria centuria vigésima do nascimento de Cristo, situamo-nos na nossa época, fazendo conceito pela arte vindoura do clacissísmo, mas anterior ao ultramodernismo filosófico.

Mas, regressando ao fim principal desta crónica, passamos a dizer da nossa impressão sobre os trabalhos desta artista algarvia.

Embora com a convicção de que o pintor D. Maria Alexandrina Berger não é novata na arte, não podemos avaliar positivamente a ascensão da sua técnica, por não conhecermos inteiramente a sua obra, mas sabemos que os temas paisagísticos são os preferidos pelo seu pincel.

Com franqueza gostamos dos seus trabalhos, destacando-se, contudo, algumas interpretações de maior fôlego e poder impressionista. Para nós, «Antes da Vindima», no Minho, «Costa do Ouro», Lagos, «Descansando no Jardim», Lisboa e «Rosinhas de Toucar», Benavente, superam no colorido e efeitos de luz. Realmente as suas pinceladas impressionam agradavelmente, porque mostram, sem destacantes manchas de contrastes, a harmonia da paisagem, em tonalidades bem combinadas.

Simplesmente estranhamos que esta pintora, que nos mostra no catálogo desta exposição, um roteiro de quase todas as províncias de Portugal, se escusasse a penetrar na paisagem alentejana. É certo que as condições geográficas do Algarve são absolutamente distintas das do Alentejo, mas sendo do sul, lógico seria que ao passar por esta região, nas suas viagens para o norte, sentisse a grandiosidade dos poemas, das mesmas e da paisagem alentejana.

Efectivamente o Alentejo tem paisagens únicas no colorido e na expressão da natureza grandiosa dos horizontes infinitáveis, dando-nos pineladas policromadas em tons quentes ao máximo, pelo esplendor do sol dardojante. O Alentejo só será interpretado com exacta convicção artística por aqueles que saibam sentir a sua grandeza e alacridade da luz fulgurante, porque até mesmo nas sombras, a paisagem é plena de tonalidades claras e de coloridos estranhos.

Finalmente devemos felicitar a pintora D. Maria Alexandrina Berger pelo êxito da sua exposição, pois tem sido muito visitada e muito agradável apreciada.

Lisboa, 20-XII-956.

A Cooperação

RECEBEMOS o n.º 4 desta magnífica Revista Bimensal de Cultura, informação e divulgação técnica das actividades económicas nacionais.

Com um aspecto gráfico bastante atraente este novo órgão da imprensa apresenta sempre selecta e erudita colaboração sobre aperfeiçoamentos industriais, comerciais e agrícolas, legislação, condicionamento de indústrias, processos de técnica, apontamentos de carácter jurídico, desportos, notícias, e páginas de modas infantis.

E assim um útil repositório de elementos para o fim que prossegue e preenche completamente uma velha lacuna na imprensa portuguesa tão pobre de colaboração técnica e de elementos de investigação científica, a não ser em órgão especializado.

Desejamos por isso aos fundadores de «A Cooperação» longa vida e garantia compensadora da dispendiosa e trabalhosa empresa de que tiveram a louvável iniciativa.

T. W. A.

Em viagem de propaganda da importante companhia norte-americana de navegação aérea «Trans World Airlines» esteve há dias em Loulé, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o sr. Herminio da Cruz Simões, que teve a gentileza de nos oferecer um vistoso calendário com lindas paisagens de países servidos pelas ligações da T. W. A.

Ao iniciar uma nova fase da sua prodigiosa actividade em todo o Mundo, a T. W. A. pretende tornar também conhecidas no nosso meio as facilidades concedidas aos emigrantes que pretendam deslocar-se para o Canadá e América do Norte, para quem os preços são mais baixos do que por via marítima.

O nosso semanário

(Continuação da 1.ª página) dobrado do esforço que dispendermos porque, para manter um semanário com uma saída regular, temos de alterar toda a orgânica de composição, impressão e orientação.

Mas se o sacrifício é grande também nos resta a consolação de prestarmos mais esse serviço à nossa terra, isto é, de elevar-la à categoria de outras em que esse facto se verifica e que não dispõem de melhores recursos que nós, o efeito.

Satisfazemos igualmente tantos pedidos que nos têm sido dirigidos e tantas palavras amigas que nos têm sensibilizado e, porque não dizê-lo, muitas vezes lisongeado.

Não poderemos, evidentemente publicar o nosso semanário com o número de páginas que, até aqui, tem sido habitual, mas esse prejuízo para os nossos leitores será certamente compensado pela frescura e sequência das notícias.

Vamos pois entrar numa nova aventura. Que o amparo dos amigos e dedicados colaboradores nos acompanhe, que a nossa fé, fará o resto.

Manuel Guerreiro (Fazlado)

PASTELARIA - CONFEITARIA

Cumprimenta os seus Ex.ºs Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero

Praça da República, 9

Uma panela portuguesa que cozinha com presteza

PANELA DE PRESSÃO

«MINCHIN»

RÁPIDA

SEGURA

ECONÓMICA

Peças sobresselentes incluídas no seu custo



Magnífico produto da indústria nacional



UMA PANELA QUE TODAS AS DONAS DE CASA SONHAM POSSUIR

Fabricada por estampagem em prensas de alta pressão •• Alumínio de 95,5% de pureza •• Isenta de elementos nocivos à saúde •• Acessórios em aço inoxidável •• Fundo com 4 m/m de espessura •• Avisador especial •• Válvula de segurança

A VENDA A PREÇOS ESPECIAIS NA

FEIRA DAS LOUCAS

de Francisco Andrade Ferreira

RUA DAS FREIRAS (Próximo do Tribunal)



EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

António Joaquim de Almeida, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do Presidente da República e da Assembleia Nacional para o ano de 1957, terão início no dia 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos art. 1º e 2º da citada lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados com as seguintes habilitações mínimas:

a/ — curso geral dos liceus;

b/ — curso do magistério primário;

c/ — curso das escolas e belas artes;

d/ — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;

e/ — curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses de sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever-se faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13º da citada Lei.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 17 de Dezembro de 1956.

O Chefe da Secretaria,
António Joaquim de Almeida

Os Monstros

(CONCLUSÃO)

tica vem demonstrando que no seio das próprias classes há sistemas hierarquizados que separam os indivíduos menos graduados dos outros que se situam nos escalões superiores. Isto no indivíduo, aquela coisa que o monstro nem sequer concebe; em relação aos povos o subterfúgio tem outra faceta: oferece-lhes a libertação total de qualquer compromisso com outros povos (de cuja veracidade os países satélites são a prova!) quer de ordem política, quer de ordem económica.

A história ficaria por aqui se outro valor a par se não levantasse. Quando dizemos a par não queremos significar igual em processos, mas apenas convergentes na acção e nos fins—a América. A América serve-se do mesmo subterfúgio, não em relação ao indivíduo, mas em relação aos povos, a quem outorga direitos de cada um dispor do seu destino, tenha ou não as devidas condições. Através deste rompante filantrópico percebe-se bem onde quer chegar, ou o caso não estivesse tão bem testemunhado (Costa Rica, Guatemala, Indochina, etc.).

Há pelo mundo um vasto espólio criado à sombra da civilização latina, hoje quase na posse das nações da Europa Ocidental. Com um pouco de habilidade, pondo pedras e tirando pedras do tabuleiro da ONU, talvez seja possível, ainda que com risco da civilização latina, tornar-se criadora desse espólio, e fazê-lo entrar nos cofres dos bancos do Estado, ou rô-lo ao serviço do Tio Sam, para tornar ainda mais desproporcionado, em relação ao resto do mundo, o alto nível de vida do povo americano. Aqui também há um deus—afirma o Tio Sam—é o deus do dinheiro. Que importa que a decrépita Europa seja a nossa vítima—diz a sua filosofia—se nós disfarçarmos a coisa atirando com as culpas à cara do nosso parceiro Russo, num jogo que tem como tabuleiro todo o continente africano?

O pior é que o monstro gera quase sempre outro monstro, e os dois, frente a frente, quando a presa escasseia, ou se comem um ao outro, ou acabam por pedir auxílio das vítimas, tendo para isso de devolver as ao mundo dos vivos.

J. G. P.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas ao n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 1

JEREMIAS GOTTHELF (1)

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

(1) — Notável romancista suíço do século passado (1797-1854), autor de muitas narrativas e romances campesinos. «A aranha negra» é de teor profundamente religioso. Com a publicação deste romance fazemos a apresentação deste interessante escritor ao público português

para a alimentação do gado. A volta da casa havia um brilho dominguero que não é produzido por umas vassouradelas dadas no sábado à tardinha, entre o dia e a noite, mas sim, testemunho da preciosa herança da limpeza de que se não pode descurar em dia algum, tal como a honra da família, à qual uma só hora mal vigiada pode trazer manchas como nódoas de sangue que permanecem inapagáveis de geração para geração, zombando de todas as caiadelas.

Não era em vão que a terra feita pela mão de Deus e a casa construída por mãos humanas se apresentavam assim esplendorosas; é que sobre ambas brilhava uma estrela no céu azul e, hoje era um grande dia de festa, o dia em que o Filho tinha ido outra vez ter com o Pai, para testemunho de que está ainda no céu a escada que os anjos sobem e descem e as almas dos homens também, quando se soltam do corpo para nos

lembra que sua salvação e ideal é lá em cima no Pai celeste, e não aqui, na terra; era o dia em que todo o mundo das plantas cresce em direcção ao céu e viceja em toda a sua juventude, imagem para o homem todos os anos a renovar-se e a fazer-lhe lembrar o seu próprio destino. Ressava alacremente por sobre as colinas, sem se saber donde vinha, um som que se cruzava em todas as direcções; vinha das igrejas lá ao longe, nos descampados. Era dali que

os sinos anunciam que os templos de Deus se abrem a todos aqueles, cujos corações estejam atentos à voz do Criador.

Uma vida buliçosa agitava-se à volta da linda casa. Na proximidade da fonte limpavam-se os cavalos com cuidado especial; éguas opulentas estavam rodeadas de potros cabriolantes; vacas de olhos delicados dessejavam-se em largos bebedouros e por duas vezes o moço teve de pegar na vassoura e na pá, porque

os vestígios da sua satisfação não tinham sido retirados com conveniente limpeza. Rústicas mocetões de faces rosadas, cabelos puxados por cima das orelhas em dois novelos, acarretavam água com industriosa agilidade através da porta escancarada, e, a grandes baforadas, subia a prumo para as alturas imensas do ar azulino, a coluna negra do fumo que saía de curta chaminé.

O avô passava curvado e vagarosamente à volta da casa, apoiado ao seu varapau; observou em silêncio o trabalho dos criados, aqui afagou um cavalo, ali conteve o despropósito insolente dum aveludado vaca; apontou ainda com o pau ao moço desatento uma ou outra palha esquecida pelo chão e puxou por fim a custo o fuzil do fundo da jaleca, para acender mais uma vez o seu cachimbo, que tanto apreciava de manhã, apesar de tão difícil puxar o fumo por ele.

A avô sentava-se ao pé

da porta, num banquinho muito limpo, em frente da casa a cortar um volumoso pão para um açafate ladrilhado, em fatias muito delgadas, e todas exactamente do mesmo tamanho, com muito mais atenção do que as cozinheiras e criadas de servir, que às vezes cortam pedaços capazes de asfixiar uma baileia.

Galinhas pimponas e bem alimentadas, e lindos pombozinhos, guerreavam-se à volta das migalhas a seus pés, e quando um pombozinho mais inexperiente se ficava ao largo com medo, a velhinha atirava-lhe umas migalhitas à parte, só para ele, consolando-o com palavras amigas da pouca fraternidade dos outros.

Dentro, na ampla casinha muito bem limpa, crepitava uma vivíssima fogeira de achas de pinheiro; em larga cafeteira fervilhava café que uma mulher nutrida revolvia com uma colher de pau, ali perdoava rangia um moinho de café entre os joelhos dum

Notícias pessoais

Aniversários

Fazem anos em Janeiro:
Em 1, a sr.^a D. Celestina Ramos da Ponte e os srs. José Manuel Júdice Pontes e Francisco Bita Bota, residentes em Lisboa.

Em 2, o menino Júlio Fernandes Gonçalves Guerreiro e a menina Maria Cardoso Ramos e Barros.

Em 3, o menino Francisco da Silva Ferreira.

Em 6, a menina Deonilde Morgado Martins.

Em 8, o menino José Manuel Souza do Nascimento.

Em 9, a sr.^a D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António.

Em 10, a menina Orlando Maria de Sousa Luís Ramos, a sr.^a D. Maria Josefa Guerreiro Rua Frade e o sr. Francisco Andrade Ferreira.

Em 12, as sr.^{as} D. Lídia Costa Nordeste dos Santos Vaz e D. Maria Elizabeth Mendes Estevens.

Em 13, a menina Maria de Fátima Barros Gonçalves.

Em 14, a menina Maria Catarina de França Rodrigues Cebola.

Em 15, a sr.^a D. Maria Quitéria Ramos.

Em 16, o menino António Vilalobos de Cervalho Santos.

Partidas e chegadas

— De visita à sua terra natal, esteve em Loulé, com curta demora, o nosso ilustre conterraneo e distinto oficial do exército, sr. General Joaquim dos Santos Correia.

— A passar o Natal com sua família deslocou-se a Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro, Conservador do Registo Civil em Lisboa, para onde há pouco foi nomeado.

— Acompanhada de sua sobrinha, sr.^a D. Maria de S. José do Adro Gago, encontra-se em Loulé a sr.^a D. Julieta Vieira do Adro, professora de ensino particular em Lisboa.

— Esteve na nossa redacção a sr. D. Estefânia Sequeira Martins Dias, nossa estimada assinante em Barranco do Velho.

— Com sua família, deslocou-se a Lisboa a passar as festas do Natal, o nosso prezado amigo e assinante sr. António de Sousa Chumbinho, considerado industrial da nossa praça.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso estimado assinante em Lisboa sr. José Maria de Brito Pires.

— A passar o Natal com seus pais encontra-se em Loulé o nosso estimado amigo sr. Alferes Orlando Sequeira da Silva, nosso prezado assinante em Estremoz.

— Em casa de seus tios, esteve alguns dias nesta vila o sr. Capitão António Alberto Carrilho Cavaco, nosso querido amigo e prezado assinante em Abrantes.

— A passar as festas na companhia de pais e sogros, tem estado entre nós, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria Adélia Cristóvão Ricardo de Sousa Inez, o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa sr. Dr. José Manuel Viegas de Sousa Inez.

— Com sua filhinha e esposa, sr.^a D. Maria José de Oliveira Filho de Sousa Lopes, também veio passar o Natal com sua família o nosso prezado assinante em Faro sr. Capitão Manuel Viegas de Sousa Lopes.

— Acompanhado de sua esposa e filhinha, deslocou-se a Odeleite, onde foi passar o Natal com sua família, o nosso particular amigo e assinante sr. Dr. António Joaquim de Almeida, chefe da Secretaria da Câmara desta vila.

— De visita às principais fábricas de curtumes do País, partiu há dias para o Norte o nosso prezado assinante sr. Manuel Mauricio Gomes dos Santos, comerciante na nossa praça.

— A fim de passar as festas com sua família, esteve em Castro Marim o nosso prezado assinante e amigo sr. António Eleuterio Antunes Costa, Chefe da Secção de Finanças desta vila.

Centro Comercial de Informações e Representações

Luis Henrique de Sousa Clemente

Apresenta aos seus Estimados Clientes e Amigos cumprimentos de Boas Festas e deseja-lhes um Novo Ano muito próspero



ANO NOVO

Palácio de Esperanças

— Deslocou-se a Loulé acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Dina Maria Rocha Carapeto Ramires Ramos, o nosso prezado assinante em Ermelinda sr. Joaquim de Vilhena Ramos.

— Regressou de Alcoutim, onde foi passar a quadra festiva com sua família, o nosso estimado amigo sr. José Rita Junior, Secretário da Fazenda Pública nesta vila.

— Cumprimentámos na nossa redacção o nosso estimado assinante em Lisboa sr. João Maria Martins da Silva, funcionário judicial naquela cidade.

— Deslocou-se há dias a Lisboa o nosso prezado assinante e amigo sr. Adelino Gonçalves Matos Lima, considerado comerciante na nossa praça.

— Vindo do Canadá, encontra-se em Loulé a passar uma temporada com sua família, o nosso estimado assinante naquele País sr. Alcindo Duarte do Rosário.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado assinante sr. José Guerreiro Gonçalves, Furriel da R. A. L. 4, em Leiria

— Acompanhado de sua esposa e filhas esteve entre nós o nosso prezado amigo e estimado assinante em Faro sr. Capitão Fausto Laginha dos Ramos.

— Acompanhado de sua esposa esteve em Loulé a passar o Natal com seus pais, o sr. Dr. João Delgado Guerreiro, nosso prezado assinante em Lisboa.

— Cumprimentámos na nossa redacção o sr. José Martins Marques, funcionário Judicial e nosso prezado assinante em Vila Real de Santo António.

— Também esteve nesta o nosso prezado assinante e conterraneo sr. Manuel Mestre Zacarias.

— A passar a quadra festiva encontra-se em Loulé, com de sua família, o nosso prezado assinante em Lisboa sr. José Mendes do Carmo, 2º sargento da Banda da G. N. R.

— Encontra-se em Loulé o nosso prezado assinante em Azambuja sr. José Elias dos Santos Nunes.

— Retiraram para Olhão onde fixaram a sua residência temporariamente o nosso prezado assinante em Val Judeu (Loulé) sr. António Guerreiro Viegas, sua esposa sr.^a D. Ana de Sousa Mealha Viegas e sua filha.

— Em serviço profissional deslocou-se à América do Norte o nosso estimado assinante e conterraneo sr. Eduardo Mendes Viegas.

— Encontra-se em Lisboa, onde foi colocado, o nosso estimado assinante e conterraneo sr. António José da Conceição Aleixo.

— Gente nova

— Num quarto particular do Hospital desta Vila teve o seu bom sucesso no passado dia 28, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Maria Vitorino de Sousa Pintassilgo, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Joaquim Rodrigues Pintassilgo, proprietário das Alfaiatarias Pintassilgo, de Loulé e Faro.

— Na Maternidade Alfredo da Costa, também teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a nossa conterrânea sr.^a D. Catalina Pires Cebola, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. João Aleixo Cebola, residente em Almada. Ao recém-nascido foi dado o nome de João Manuel Pires Cebola.

— Os nossos parabéns aos felizes pais, com votos de longa e venturosa vida para os seus descendentes.

— Falecimento

— Com 67 anos de idade faleceu no pretérito dia 26 de Dezembro, na casa de sua residência na Patâ, a sr.^a D. Rosa de Brito Sancho e Brito, que deixava viu o sr. Francisco de Brito da Manha, abastado proprietário naquele sítio.

— A saudosa extinta era mãe do nosso estimado amigo e distinto advogado nesta comarca sr. Dr. Francisco Manuel Sancho e Brito e da sr.^a D. Manuela Sancho e Brito, farmacêutica em Albufeira.

— De correram com muito interesse estes Jogos Florais, que desde já desejamos ver repetidos no próximo ano. Concorreram Poetas de todo o País, e o número de produções recebido foi superior a 400. O júri foi composto pelos Drs. Hernâni de Lencastre; Joaquim Magalhães e Elviro Rocha Gomes. Como Presidente de Honra, o grande Poeta algarvio Emiliano da Costa.

Eis os resultados desta simpática competição:

Poesia Lírica: 1.º prémio: José da Costa Mendes. Menções: Carolina Lima Vaz; Maria da Conceição Ramalho Santos e Casimiro de Brito.

Poesia sujeita a Mote: 1.º prémio: Lídia Serras Pereira. Menções: Sebastião Leiria, Alberto Marques da Silva e Lídia Serras Pereira.

Poesia alusiva ao Algarve: 1.º Prémio: José Morais Lopes. Menções: Maria da Conceição de Sousa.

Quadril: 1.º prémio: Maria da Conceição de Sousa Eloy. Menções: Lídia Correia Serra Pereira e Maria Adelaide Canedo.

Soneto: 1.º prémio: José Morais Lopes. Menções: José Morais Lopes, Lídia Correia Serras Pereira.

Antes da distribuição dos prémios, o nosso colaborador sr. Vivaldo Belchior fez uma pequena alocução, agradecendo a presença do grande Poeta Algarvio, Emiliano da Costa.

Jogos Florais
das Bodas de Ouro
da Sociedade Recreativa
Artística Faroense

onde ocultas as benesses que aos homens pertencem, porque as souberam sonhar e presentir?

Porque nos dás a tua presença nesses hieróglifos que vemos, inutilmente, sem te podermos encontrar?

Aíl A' angústia destas perguntas, sómente nos vem respondendo o eco de nossas próprias palavras, repercutindo-se pelas salas vazias, desoladas, de outros tantos palácios que, em cada ano, vimos ansiosamente esquadinhando na busca do tesouro que lá nos tem ficado perdido... sempre, em cada ano!

Não o soubemos encontrar e, todavia, em cada ano, em cada hora, em cada instante, um tesouro de felicidades se perdeu.

Aqui, os votos, a esta pobre Humanidade, para que, neste fantástico palácio do Ano Novo, encontre, afinal, a chave de seus insolúveis problemas, as incógnitas arreladas do drama da sua existência, a forma de repartir e tornar real o desejo de paz, de entendimento e de amor, que freme no âmago de cada torturado peito, isoladamente!



Particularmente grato pela preferência com que distinguiram a sua casa durante o ano de 1956

O proprietário da

Gráfica Louletana

Apresenta cumprimentos de Boas Festas a todos os seus estimados Clientes e Amigos, formulando votos por que o Novo Ano lhes seja portador de venturoosas prosperidades

Para evitar

estravios do jornal, pedimos aos nossos assinantes o favor de nos comunicarem a mudança de endereços e bem assim qualquer irregularidade na recepção do jornal.

Cartaz da Semana

Cine-Teatro Louletano

Filmes a exhibir durante esta semana:

Dia 7 — Um só desejo.

Dia 10 — Anjo mudo.

Dia 13 — Sinal do pagão.

Farmácias de serviço

Durante esta semana, estão de serviço permanente:

Dias 3-8	— Farmácia	— Pinto
4-9	—	Madeira
5-10	—	Santos
6-11	—	Confiança
7-12	—	Pinheiro

Pedimos

a todos os nossos assinantes residentes no estrangeiro, Ultramar ou localidades onde também não há serviço de cobranças, a especial fineza de nos remeteram a importância das suas assinaturas, o que desde já muito reconhecidamente agradecemos.

LIBELO CONTRA

sempre contra o sangue

Por Casimiro de Brito

UMA vez mais a pantera moscovita afinou as garras adunças, e de olhos vendados, de promessas vendadas, de paz vendada, atirou-se para o campo de tortura, selvaticamente, num desejo perene de saciar os seus instintos homicidas, ansiosos pela presença de carne humana a apoderar lentamente nos campos de concentração (apoderer não, porque lá o gelo abunda), e pelo sangue a jorrar turbulentamente pelos campos de batalha—esse adubo que os homens lançam à terra na esperança distante de um fruto chamado Liberdade.

A luta é de sempre e de todos. Os tiranos sanguinários nasceram, morreram e ressuscitaram. Nasceram e morreram sempre, mas — triste vitória do lado negro da vida—também ressuscitaram sempre. Olhai para a história, e véde como é negro o seu caminho da esquerda. Negro, negro, negro. (Há sempre um caminho da esquerda a lamentar...). Depois dos Keops vieram os Neros; depois dos Neros vieram os Alexandres; depois—ah! meus amigos a lista não mais acabaria, se me propusesse lançar para a luz do dia, os sonhos imperialistas desses senhores de modos autoritários e de chumbo nas almas.

Mas as hordas bárbaras ainda não passaram. Nem jamais passarão nua e totalmente. Desdobram-se, melhor, multiplicam-se num esmagar pseudo consciente de corpos e de espíritos. Mas o sangue derramado dará o seu fruto. Sim amigos, o sangue derramado dá sempre o seu fruto...

A pintura histórica continua. São os cavalheiros de além Aral que entram agora em cena. Os novos pintores da história com as almas por pincéis, o sangue como tinta e os campos de batalha por paleta. Vejamos os seus motivos pictóricos. Sim, porque paisagens nunca faltaram a esses «cavalheiros» de impetos selvagens e de sonhos imperialistas. São as multidões alucinadas pelo branco esverdeado das armas; as mulheres violadas por brutos de fardas vistosas; é o céu a escurecer, a escurecer, e o sangue depois a chover, a chover; é o beijo do sangue, o beijo derradeiro na terra que o viu nascer; são as mulheres, os velhos e as

SEJA ECONÓMICO

Comprando artigos confeccionados quase pelo preço da própria fazenda

Fatos (para homem e rapaz)
Samarras (para homem e senhora)
Sobretudos - Gabardines
Canadianas - Casacos

No seu próprio interesse não compre estes artigos sem consultar os preços da nova casa de

Sebastião Seruca Martins Domingues

Rua José Fernandes Guerreiro